
Tecnologia e competitividade em agronegócios

Claudio Barriga

A globalização da economia e dos mercados exige permanente revisão e ajuste dos processos produtivos para que se possa manter nesses mercados. As empresas de agronegócios não estão alheias a esta realidade e pode-se dizer que, em muitos casos, são altamente sensíveis às mudanças que influenciam a competitividade internacional, como taxas de câmbio, taxas de juros, impostos alfandegários, valor dos fretes, tipos de embalagem, entre outras.

No início do comércio internacional, é comum que a competitividade de uma nação ou de determinada região esteja baseada em suas vantagens comparativas de produção, conseguidas através de condições favoráveis em comparação aos outros produtores. As vantagens comparativas mais freqüentemente citadas são aquelas vinculadas às condições geográficas ou climáticas, seguidas do baixo custo da mão-de-obra e dos custos de transporte.

À medida que a economia se globaliza, melhoram os níveis de desenvolvimento das nações e variam as condições do comércio internacional. As vantagens comparativas vão desaparecendo para dar lugar às variáveis do tipo macroeconômico — como as taxas de câmbio e os impostos alfandegários — e às variáveis de produtividade diretamente vinculadas à eficiência da mão-de-obra e dos processos produtivos.

Neste trabalho, procura-se expor os conceitos vinculados ao Sistema de Agronegócios e algumas idéias sobre produtividade, competitividade e tecnologia. Analisa-se, posteriormente, as perspectivas para a próxima década quanto aos agronegócios na América Latina, finalizando-se com conclusões e recomendações.

MARCO CONCEITUAL

Buscando formas para melhorar a competitividade das empresas de agronegócios, é conveniente fazer uma revisão dos conceitos básicos, pois, apesar de conhecidos por todos, sua consideração dentro de contexto comum é importante.

Trabalho apresentado no **V Seminário Internacional de Agribusiness** do Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial (Pensa), realizado pela Fundação Instituto de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FIA/FEA/USP), de 17 a 20 de setembro de 1995, sob a orientação do Professor Doutor Decio Zylbersztajn, Coordenador do Pensa.

Recebida em setembro/95

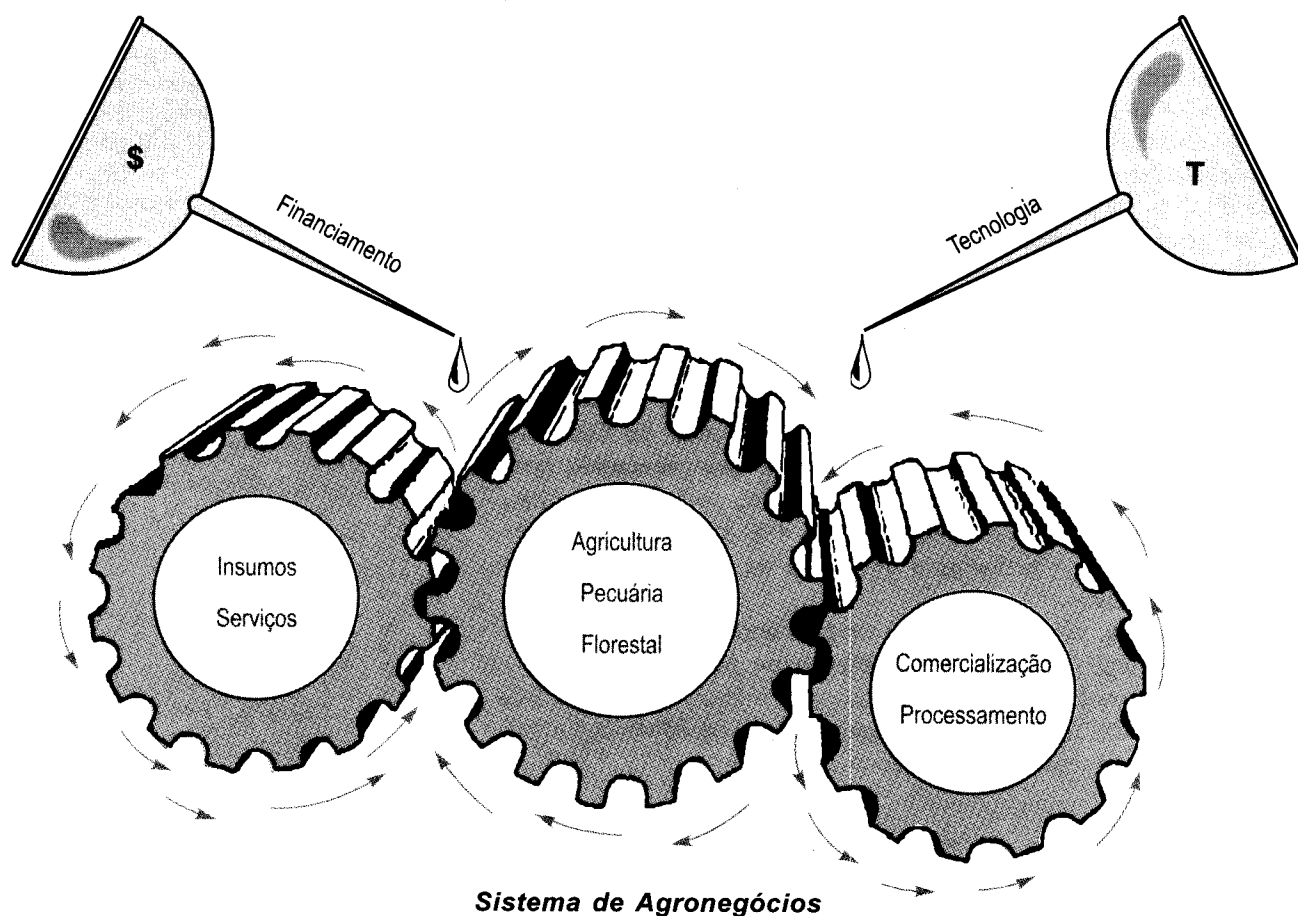
Claudio Barriga é Professor da Facultad de Ciencias Agrarias, Veterinarias y Forestales da Universidade do Chile — Santiago.
Fax: (56-2) 541-7055

Agronegócios

A agricultura representa a atividade econômica e social básica de toda a nação e se não for sólida, produtiva e eficiente dificilmente poderá dar base ao desenvolvimento nacional. A gradual diminuição da contribuição ao Produto Interno Bruto (PIB) experimentada pela agricultura à medida que um país se desenvolve, leva muitos a crer na falácia de que a agricultura não é uma atividade relevante para o crescimento econômico, quando já está superada a primeira etapa deste processo. Contrariamente a essa crença, no processo de desenvolvimento a agricultura adquire nova dimensão que transcende o representado pela exploração agrícola para se converter no centro e motor de um sistema de grande envergadura, conceitualmente conhecido como o **Sistema de Agronegócios** (ver figura a seguir). Este, em seu conjunto, é um dos principais empregadores e efetua importante aporte ao PIB, contribuindo de forma dinâmica para

os processos de desenvolvimento econômico e social ao oferecer novas oportunidades que se transformam em empresas geradoras de empregos e de riqueza. A especialização com que a empresa desenvolve suas atividades melhora a eficácia dos processos produtivos, possibilitando-lhe alcançar os níveis de produtividade necessários para competir globalmente.

É importante destacar a grande interdependência existente entre as empresas do Sistema de Agronegócios. A falta de uma delas afetará o Sistema como um todo, salvo existam outras similares capazes de suprir a demanda. Um exemplo permite apreciar melhor esta situação. A exportação de produtos hortifrutícolas frescos requer embalagens adequadas, ou de madeira ou de papelão, dependendo do mercado ao qual se destinam. A mudança das normas na União Européia, estabelecendo que todas as embalagens devem ser biodegradáveis para serem recicladas, gerará aumento da demanda de embalagens de papelão. Se as empresas responsáveis pela produção deste tipo



Fonte: Barriga, Claudio. *El concepto de agronegocios*. SEMINARIO DE AGRONEGOCIOS, 1. Santiago, Universidad de Chile, Facultad de Ciencias Agrarias, Veterinarias y Forestales, 1981. p.4-17 [Série Antumapu, n.5]

de embalagem não estiverem em condições de absorver rapidamente essa demanda, poderão ocorrer duas situações:

- impossibilidade de exportar os volumes previamente estimados e, às vezes, até comprometidos. Isto afetará as empresas exportadoras e, por último, os produtores agrícolas que terão seus lucros diminuídos com a venda menor do que a prevista;
- para superar uma emergência desse tipo, a opção seria importar as embalagens desse outro mercado, embalando a produção conforme as normas estabelecidas por ele. Isto afetará os custos, já que a importação envolve, além do valor das embalagens, transportes e outros gastos associados. Este aumento de custos afetará a competitividade da operação, significando menor rentabilidade para os exportadores e produtores agrícolas.

Muitos outros exemplos poderiam ser dados para reafirmar a inter-relação e a dependência existentes entre os componentes do Sistema, o que exige de qualquer empresa de agronegócios a utilização deste enfoque de sistemas para traçar adequadamente suas estratégias de operação.

PRODUTIVIDADE

A produtividade é parte importante do desenvolvimento da competitividade e, sem dúvida, um dos aspectos que requer maior atenção por parte dos empresários, pois é nela que se encontra a chave para melhorar as possibilidades de competir com êxito nos mercados nacionais ou internacionais.

Na produtividade são considerados os resultados dos esforços organizacionais e pessoais, associados com a produção, a utilização e/ou a entrega de produtos e serviços. Está implícita no conceito a necessidade de estabelecer formas de medir a produtividade. Para tanto, precisa-se ter métodos quantitativos e qualitativos, dependendo de quais resultados se queira conhecer: de tarefas estruturadas e repetitivas ou de tarefas criativas, abstratas e não-repetitivas. À medida que aumenta a complexidade de uma atividade se torna mais difícil estabelecer indicadores quantitativos, porque influi nela maior número de variáveis, muitas exógenas à própria atividade.

Na maioria das definições de produtividade são incluídas variáveis como rentabilidade, eficiência, tecnologia, inovação, condições de trabalho. A medição da produtividade deverá ser feita, dentro do possível, por meio de índices ou de relações entre duas coisas quantificáveis, permitindo conhecer a trajetória produtiva de uma empresa. Deve-se destacar que, na

quase totalidade dos casos de medição, a importância do fator humano é fundamental, sendo esta, com frequência, a variável de maior incidência nos resultados da produtividade. Isto torna especialmente relevantes os programas de educação e capacitação dos trabalhadores, uma vez que sem a adequada preparação da mão-de-obra não serão alcançadas as metas de produtividade que tornam a empresa competitiva.

Aspecto importante na análise da produtividade diz respeito aos conceitos de eficiência e eficácia. O primeiro relaciona o produto obtido com os insumos utilizados e os custos de obtenção desse produto, relação esta possível de ser quantificada. A eficácia é um conceito mais qualitativo, pois indica o grau em que a organização alcança seus objetivos. Nela influem mais os aspectos institucionais e de gestão da empresa e a relação desta com seu ambiente.

A produtividade é parte importante do desenvolvimento da competitividade e, sem dúvida, um dos aspectos que requer maior atenção por parte dos empresários.

No México, por exemplo, há diferentes prognósticos para vários *commodities* com preços tradicionalmente protegidos pelo governo. O milho, o trigo e a soja, mencionando só os mais relevantes, dificilmente poderão competir com a produção dos Estados Unidos, a não ser que ocorram aumentos de rendimento muito significativos, com sensível diminuição de custos, situação esta difícil de ser conseguida.

Fato semelhante está acontecendo no Chile, em que os agricultores, produtores dos cultivos chamados tradicionais — principalmente cereais —, enfrentam forte perda de rentabilidade que compromete a existência do setor, aberto sem limitações à concorrência do mercado mundial, sem proteções estatais. A futura incorporação do Chile ao Tratado de Livre Comércio (*North American Free Trade Agreement* — Nafta) e sua participação no Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul) representam temas de grande controvérsia entre os agricultores, devido às implicações que esses tratados terão na produção nacional. No caso do Chile, os níveis de rendimento médios alcançados pelo milho e pelo trigo estão em patamares de li-

derança mundial que não serão facilmente incrementados e, apesar desta situação, passam por baixíssima rentabilidade devida, principalmente, aos custos de produção, tradicionalmente muito baixos em países de produção extensiva, como Argentina, Estados Unidos, Canadá, Austrália, o que os torna mais competitivos.

Qual será, então, o futuro dos Agronegócios na América Latina para a próxima década?

Para analisar essa questão é necessário utilizar o marco conceitual do Sistema de Agronegócios, exposto anteriormente, já que as perspectivas variam para cada um dos subsistemas: o de produção agrícola, o de insumos e serviços e o de comercialização e processamento.

Primeiramente, é preciso analisar o subsistema de comercialização e processamento, o qual tem estreita relação com os mercados de produtos agrícolas primários, sejam *commodities*, sejam produtos hortifrutícolas frescos ou processados (industrializados). A evolução desses mercados será determinante no futuro de muitas atividades de agronegócios. No caso dos *commodities*, os mercados não deverão experimentar grandes variações de demanda em seu volume agregado, em nível internacional, devendo ser produzidos os ajustes necessários do lado da oferta, de acordo com as características de cada país, segundo suas vantagens comparativas e competitivas. Poderão ser produzidas, entretanto, variações importantes no futuro em alguns *commodities*, à medida que, como resultado da pesquisa e do desenvolvimento tecnológicos, se abram novas possibilidades de utilização, como é o caso dos chamados *energy crops* destinados à produção de combustíveis que possam substituir o petróleo. Neste caso, o impacto da tecnologia poderá ser extraordinariamente significativo já que, utilizando-se matérias-primas renováveis, se poderá diminuir o impacto que o esgotamento das reservas de petróleo causará nas economias do futuro. Cabe lembrar que o *biodiesel* já é realidade em alguns países da Europa e que há muitas pesquisas e muitos testes de uso nos Estados Unidos para esse e outros produtos, como o uso da soja na produção de tintas para a indústria gráfica. A utilização de produtos agrícolas como matérias-primas industriais, e não como alimentos, pode revolucionar o mercado desses produtos, alcançando dimensões hoje não imaginadas.

As mudanças nos hábitos de alimentação da população incrementaram os mercados de frutas frescas e produtos naturais nos países desenvolvidos, tendências que se tornarão relevantes nos países em desen-

volvimento à proporção que melhorem seus níveis de renda e de educação. Estes mesmos fatores, somados à crescente participação da mulher na força de trabalho, também oferecem perspectivas interessantes para os produtos agrícolas processados, mais ainda quando se considera que em muitos países se valoriza a diminuição do tempo destinado à preparação dos alimentos, o que se chama **a presença na cozinha**, como resultado do aumento do custo de oportunidade do tempo da mulher.

A utilização de produtos agrícolas como matérias-primas industriais, e não como alimentos, pode revolucionar o mercado desses produtos, alcançando dimensões hoje não imaginadas.

No caso da produção agrícola, há clara diferença conforme o tipo de agricultura. A produção de *commodities* terá de enfrentar profunda mudança em nível latino-americano, segundo as vantagens comparativas e competitivas de cada nação e de seus agricultores. No caso dos cultivos mão-de-obra intensivos, produzir-se-á um deslocamento em direção aos países em desenvolvimento, como já está ocorrendo na produção de hortaliças, frutas e sementes. A tecnologia de produção será muito significativa para melhorar a produtividade da terra, da água e da mão-de-obra. O uso adequado destes fatores, aliado às características climáticas determinantes do aproveitamento de distintos nichos de mercado, será o que incidirá na capacidade competitiva de cada país para poder capturar as possibilidades oferecidas pelo mercado internacional. Entretanto, para que isto seja alcançado é fundamental se somar a outro componente do sistema, apresentado a seguir.

O subsistema de insumos e serviços desempenha papel fundamental na disponibilidade de tecnologias que afetam a produtividade da agricultura, bem como facilita e torna mais ágeis os sistemas de comercialização. Neste subsistema enquadra-se a produção de sementes e plantas melhoradas, fertilizantes e agro-

químicos mais eficientes e ambientalmente compatíveis, melhores embalagens para comercializar, assim como os serviços de refrigeração e os de transporte especializado. É neste subsistema que se concentra parte importante da responsabilidade que permite a utilização da tecnologia em todos os componentes do Sistema de Agronegócios para superar os desafios da próxima década.

Quando se considera a produtividade do ponto de vista da capacidade competitiva da empresa, há um fator de grande relevância, a qualidade, inseparável da produtividade. Isto é especialmente significativo para o comércio internacional e sua importância cresce, gradualmente, nos mercados locais. Finalmente, a produtividade tem também relação com a qualidade das condições de trabalho, pois estas influem na motivação dos trabalhadores e na identificação deles com a empresa para torná-la mais produtiva e, portanto, mais competitiva.

TECNOLOGIA

Este conceito compreende o estudo e a racionalização da produção, vinculados especialmente aos processos ou aos métodos que transformam os insumos em produtos. A tecnologia pode ser desenvolvida na própria empresa ou adquirida de outras, estando seu valor relacionado com a aplicação que se faz dela para a geração de riquezas ou o melhoramento da qualidade de vida. A tecnologia pode influenciar positivamente a forma de pensar e de trabalhar e requer alto investimento nas pessoas, exigindo esforço especial de capacitação, treinamento e, com frequência, reorganização dos sistemas e das equipes de trabalho. Isto faz com que a aplicação de novas tecnologias dependa mais da aceitação das mudanças por parte das pessoas que as utilizarão do que do montante de investimentos que representam. Esta situação é especialmente significativa na produção agrícola, em que as tradições estão tão fortemente arraigadas que, com frequência, se convertem em verdadeiras barreiras à mudança. Segundo o reconhecido economista agrícola e prêmio Nobel Professor Theodore Schultz, é mais difícil para um país em desenvolvimento modernizar sua agricultura do que criar uma indústria siderúrgica para a produção de aço.

À medida que a tecnologia melhora a produtividade das empresas, influi também na capacidade destas para competir. Há casos em que o uso de uma tecnologia é condição para ascender (conquistar posições) nos mercados pela qualidade dos produtos com ela obtidos e que são requisitos para efetuar transações comerciais.

COMPETITIVIDADE

A competitividade é o grande desafio enfrentado pelos países em desenvolvimento, em especial os da América Latina, para participar e ganhar mercados internacionais.

Ser competitivo não é fácil. São muitas as variáveis que incidem nas possibilidades de competir com boa rentabilidade nos mercados internacionais. Já foram abordados dois aspectos de muita relevância, a tecnologia e a produtividade, os quais podem ter de algum modo a influência da gestão do empresário no manejo de sua produção. Há outros aspectos também importantes sobre os quais dificilmente se consegue atuar, como as medidas protecionistas de muitos países e outros aspectos institucionais que representam barreiras ao comércio internacional. Comumente, estas são estabelecidas em face da perda de competitividade experimentada pelos países desenvolvidos que enfrentam agressivas campanhas exportadoras dos países em desenvolvimento. Estes, por sua vez, na última década fundamentaram seu crescimento na expansão de seu comércio mundial. Há interessantes experiências no Chile a esse respeito, como poderá ser constatado mais adiante. Espera-se que as novas normas que regerão os acordos do Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio (*General Agreement on Tariffs and Trade* — GATT) permitam superar as limitações existentes, viabilizando um comércio internacional aberto, livre e competitivo.

O FUTURO DOS AGRONEGÓCIOS NA AMÉRICA LATINA

Depois dessa revisão conceitual — sem maiores pretensões —, delinea-se a dúvida a respeito das perspectivas que têm as empresas de agronegócios de nosso subcontinente. Do ponto de vista tecnológico, e com vistas a uma melhor competitividade, a pergunta freqüente é: Onde deve se concentrar a ênfase de nosso esforço: na produção agrícola, na pós-colheita ou no mercado?

Nessa fase é especialmente relevante a aplicação do conceito de Sistema de Agronegócios, enfatizando a inter-relação existente entre as partes do mesmo. O desenvolvimento deve ser equilibrado, buscando colocar em um mesmo nível as distintas partes, o que implica dar ênfase ao elo percebido como o mais fraco, que pode ser a produção, a comercialização ou a pós-colheita. Pode existir uma primeira etapa de prioridades, porém isto não significa descuidar das outras variáveis e, a médio prazo, deve ser buscado o equilíbrio dentro do sistema.

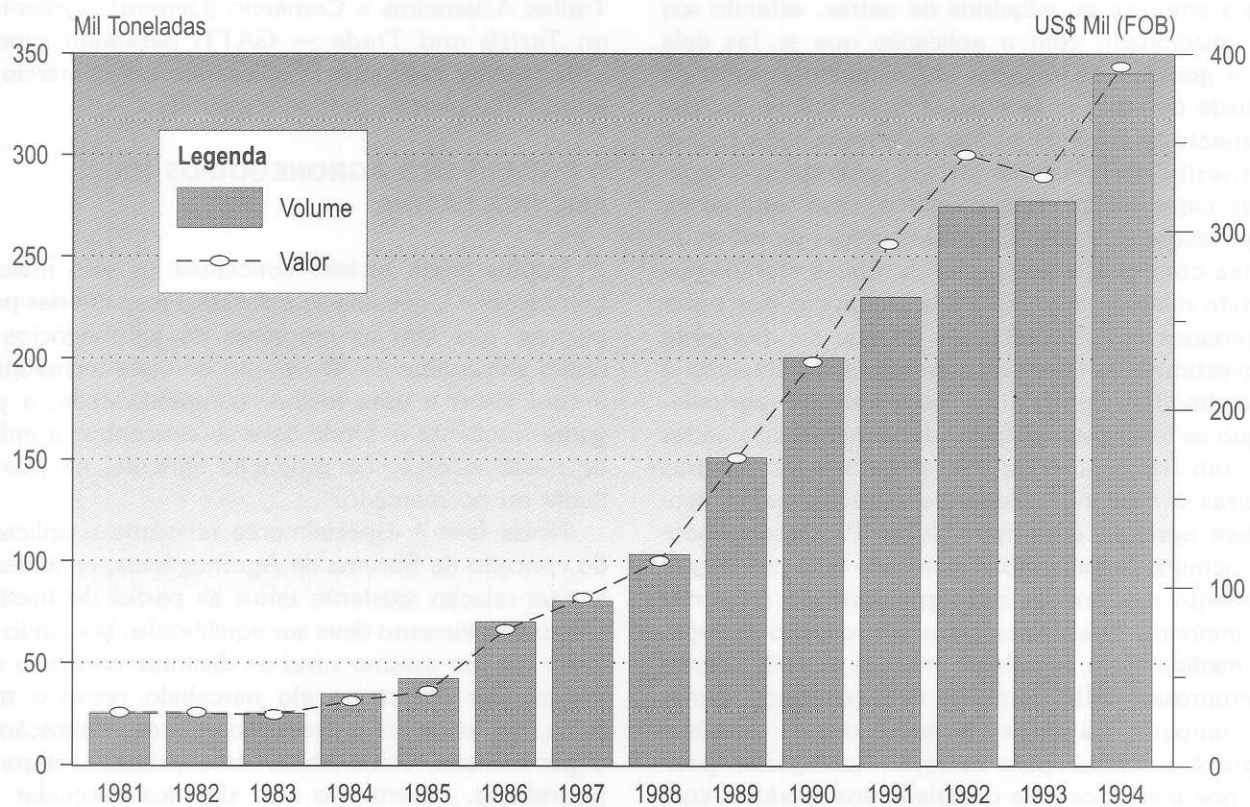
No caso da cultura de frutas no Chile, em um primeiro momento priorizou-se a produção agrícola, concentrando-se os investimentos nas plantações, no uso de variedades adequadas e em um manejo técnico que permitisse altas produções. O crescimento das exportações tem sido inegável, impressionante para muitos, mas em algumas espécies houve o descuido de fatores de mercado que exigem estar constantemente olhando para o futuro. As variedades de maçãs que predominam no Chile, mesmo de alta qualidade, não são as que hoje o mercado internacional exige, situação bem-aproveitada pela Nova Zelândia e pelo Brasil que têm as novas variedades e as comercializam adequadamente.

As crescentes exigências quanto às normas de qualidade em frutas e hortaliças frescas demandam, cada vez mais, maior atenção para os fatores relacionados à pós-colheita. No Chile, durante o período de 1978 a 1983, entre 33% e 37% da produção de frutas foram direcionadas à exportação. Ocorreu nesse período importante elevação das capacidades de seleção de frutas e de refrigeração no país, permitindo que no período de 1984 a 1988 essa porcentagem crescesse, chegando as exportações de frutas a 52,8% da produção total no ano de 1988. Posteriormente,

o crescente aumento dos volumes de produção para exportação e as exigências de qualidade nos mercados afetaram esses valores e, nos anos de 1993 e 1994, as porcentagens exportadas caíram para aproximadamente 43%.

As exportações de produtos frescos continuaram crescendo e no final da temporada de 1994/1995 — 31 de julho de 1995 — confirmou-se que as de frutas foram superiores a 150 milhões de caixas, tendo triplicado o volume exportado em relação a 1985. As exportações de hortaliças também estão crescendo e na estação de 1995 foram superiores a 8 milhões de caixas, revelando seu grande potencial.

O crescimento do volume de descarte (sobra) das frutas que não estão aptas para exportação por razões de cor, dimensões ou outra exigência, mas estão aptas para processamento, ofereceu novas oportunidades de atividades econômicas dentro do Sistema de Agronegócios. Assim, ocorreu o desenvolvimento de uma agroindústria processadora hortifrutícola que foi capaz de crescer de US\$ 24,5 milhões, em 1981, para US\$ 398 milhões, em 1994, correspondendo a um crescimento de 16 vezes em 14 anos. Este crescimento também manteve-se quanto ao volume, expresso em toneladas, como pode ser observado no gráfico abaixo.



Exportações Chilenas de Produtos Processados (Frutas e Hortaliças)

A abertura do mercado internacional a todos os produtos do Sistema de Agronegócios permitiu não só o crescimento da fruta fresca, mas também o da produção e da exportação de sementes de hortaliças e flores. Este crescimento foi significativo no período de 1980 a 1992, passando de US\$ 3,28 milhões para US\$ 68,6 milhões. Em 1993, ocorreu uma diminuição para US\$ 57,8 milhões, mas recuperou-se no ano de 1994.

Ao longo dessa expansão tem existido permanente preocupação com os aspectos tecnológicos da agricultura e das atividades que giram ao seu redor. O impacto do uso crescente da tecnologia não tem se limitado somente aos produtos para exportação, mas também tem refletido, com importantes resultados, nos aumentos da produtividade de vários dos chamados **cultivos tradicionais**, os quais substituem importações para abastecer o mercado nacional. Estes têm alcançado níveis de rendimento superiores, ou muito próximos, aos de algumas das médias de países desenvolvidos, como pode ser constatado no quadro a seguir.

Essa preocupação com o melhoramento tecnológico da produção agrícola é observada em muitos países e em muitos cultivos. No México, por exemplo, o cultivo do tabaco para secagem em fornos, que em 1989/1990 era feito pela empresa estatal *Tabamex*, tinha um rendimento de 1.415 quilogramas por hectare. Quando a empresa privada *Agroindustrias Moderna* assumiu a produção, a partir de 1990/1991, notou-se melhora imediata

para 1.672 quilogramas por hectare. Em 1992/1993 ocorreu novo aumento, para 1.866 quilogramas por hectare e, na temporada de 1994/1995, foi alcançado o rendimento de 2.200 quilogramas por hectare. Estas médias, em uma plantação que excede 12.000 hectares, com diferentes tipos de solos e climas, mostra o que pode ser conseguido com a aplicação de modernas tecnologias de produção. Cabe mencionar a existência de plantações que atingem três toneladas por hectare, deixando clara a potencialidade produtiva à medida que a tecnologia é bem utilizada.

As crescentes exigências quanto às normas de qualidade em frutas e hortaliças frescas demandam, cada vez mais, maior atenção para os fatores relacionados à pós-colheita.

Esses aumentos na produtividade da terra trazem, entretanto, novas questões e desafios aos produtores agrícolas, em particular, e a todos os empresários de agronegócios, em geral. Os aumentos de rendimento significam menores áreas cultivadas para a obtenção das mesmas colheitas ou o deslocamento das zonas de cultivo. A qualidade dos solos, tão relevante nos primeiros anos da produção agrícola, vai perdendo importância em face dos avanços tecnológicos. O clima ocupa importante papel devido à influência que tem nos períodos de colheita, tornando possível aproveitar, ou não, as oportunidades oferecidas pelos mercados internacionais. As técnicas modernas de irrigação, como gotejamento, nebulização, aspersão etc., assim como as práticas de fertirrigação, tornam possível utilizar solos de qualidade inferior com bons níveis de produtividade.

Esse contexto obriga a buscar novas alternativas produtivas para a utilização dos solos marginais, junto

Chile — Rendimentos Comparativos de Cultivos Tradicionais Em Toneladas por Hectare

Produto	1981	1989	1992	Média dos Países Desenvolvidos
	a	a	a	
	1982	1991	1994	
Trigo	17,4	31,8	34,4	25,8
Arroz	35,5	42,4	44,3	56,8
Milho	45,2	82,2	87,2	58,3
Feijão	13,4	12,9	12,0	15,2
Batata	108,7	146,3	149,8	159,9
Girasol	15,8	23,0	19,3	14,5
Beterraba	492,4	540,9	591,5	360,0

Fontes: FAO, INE, Odepa

com os quais, lamentavelmente, são deslocadas as pessoas, as quais em alguns casos não conseguem superar sua situação de pobreza e marginalidade. Depois de dolorosas e custosas experiências para levar adiante o processo de reforma agrária em vários países da América Latina, o tempo e os fatos demonstraram que a propriedade da terra não assegura, por si, maior renda, o que definitivamente permite melhor nível e qualidade de vida para as populações rurais.

Esta nova realidade da agricultura produtiva, moderna e orientada para os mercados internos ou de exportação, oferece muitas oportunidades para a criação de empresas de agronegócios em diferentes partes do Sistema.

Esta nova realidade da agricultura produtiva, moderna e orientada para os mercados internos ou de exportação, oferece muitas oportunidades para a criação de empresas de agronegócios em diferentes partes do Sistema. Isto irá aumentando sua importância econômica e social dentro das nações, à medida que se constitua em uma das principais opções para evitar a migração rural e reverter as condições de pobreza já mencionadas, por meio da criação de empregos que, assegurando adequado nível de rendimento aos trabalhadores, terão maior impacto na dignidade das pessoas e no desenvolvimento social do que muitas das políticas implementadas pelos governos com sentido paternalista e, às vezes, demagógico.

A evolução da demanda de produtos agrícolas, especialmente nos países desenvolvidos que buscam o aumento do consumo de produtos frescos e naturais, oferece oportunidades de produção para muitos países em desenvolvimento, em especial nos cultivos que utilizam mão-de-obra intensivamente. Quando se entra neste tipo de produção é necessário destacar vários fatores relevantes que devem ser considerados, como a qualidade, a produtividade da mão-de-obra, o manejo adequado da pós-colheita, a embalagem etc. A importância dada à qualidade é determinante em todos esses fatores, sendo também relevante a capacitação da mão-de-obra participante de todo o processo, cujo nível de pro-

ductividade é fundamental para atingir uma capacidade competitiva que permita consolidar a presença internacional dos países produtores.

No caso do México, o desenvolvimento das tecnologias de produção agrícola, somado ao Tratado de Livre Comércio, está abrindo importantes perspectivas para a produção hortifrutícola, cuja exportação cresceu 68% no primeiro semestre de 1995, em relação ao ano passado.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O que acontecerá com os agronegócios na América Latina durante a próxima década dependerá, então, do tipo de empresa que conduziremos. As oportunidades estarão presentes em todo o Sistema, registrando-se importantes taxas de crescimento em algumas atividades segundo o grau de desenvolvimento da economia de cada nação.

Os países recém-incorporados à exportação de produtos hortifrutícolas frescos terão, por exemplo, excelentes perspectivas de desenvolvimento das suas indústrias correlatas de embalagens, de conservação refrigerada, de transportes especializados, bem como das atividades de transferência tecnológica em apoio a todo o sistema agroindustrial.

Os mais avançados, como é o caso do Chile e de algumas regiões do Brasil, do México e de outros países, buscam agora novas formas de utilização da produção, aproveitando sobras ou cultivando especialmente para novas agroindústrias processadoras capazes de gerar produtos de alta qualidade que cumpram todas as exigências dos mercados internacionais mais sofisticados.

Os que estão baseados nos *commodities* terão de se adaptar às novas condições de mercado, procurando maior eficiência produtiva, ou de buscar novas alternativas de produção de acordo com suas possibilidades.

A próxima década será a do desenvolvimento tecnológico dos agronegócios da América Latina. À medida que se cumpra esse objetivo, as nações poderão consolidar sua presença internacional, superando muitos problemas de pobreza e marginalidade com base em um Sistema que, fundamentado na mais antiga das atividades econômicas da humanidade — a agricultura —, se projeta em direção a uma nova dimensão que cresce oferecendo emprego e gerando riquezas para o bem-estar das populações latino-americana e mundial. Este é o nosso desafio, o qual deveremos superar com êxito, assumindo nossa responsabilidade como acadêmicos, como profissionais e como empresários. ♦